

## Estudo de um troço da via XVIII do Itinerário de Antonino na Serra do Gerês (a Geira Romana)

Francisco de Sande LEMOS\*  
António Martinho BAPTISTA\*\*

### Resumo:

O texto descreve os resultados dos trabalhos realizados na *Via Nova*, entre as milhas XXIX e XXXIV, ao longo de vários anos, desde a década de 80.

### Abstract:

This papers show the results of the archaeological work on the *Via Nova* sites, between miles XXIX e XXXIV. The paper resums the work done in eithies and nineties.

### Palavras-chave:

Milhas; Calçada; Miliários; Pontes.

### Key words:

Roman miles; Road pavements; Milestones; Roman bridges.

## 1. INTRODUÇÃO

Entre 1977 e 1992, a Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho e o Parque Nacional da Peneda-Gerês realizaram várias intervenções arqueológicas no troço da via XVIII do Itinerário de Antonino, em particular entre as milhas XXIX e XXXIV. Estas campanhas, embora iniciadas em 1977, tiveram alguns anos de interrupção, mas foram retomadas em 1984, 1985 e 1986 e, novamente, desta vez com maior amplitude, em 1992. Os trabalhos de maior vulto efectuaram-se em 1977 e 1992.

Os resultados adquiridos permitiram esclarecer alguns aspectos da tecnologia de construção da via no troço da serra do Gerês. Contribuem, por isso, para um melhor conhecimento da arte da engenharia romana na abertura das estradas de montanha no Noroeste.

Convém desde logo acrescentar que os dados alcançados nestas sucessivas campanhas nunca foram objecto de uma publicação mais profunda, apesar do seu grande interesse arqueológico. Este texto procura colmatar parcialmente essa lacuna, procurando fazer uma primeira síntese dos conhecimentos adquiridos. Por isso, não nos alongaremos com os aspectos relacio-

---

\* Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.

\*\* Parque Nacional da Peneda-Gerês.

nados com o contexto histórico ou político-administrativo, nem tão pouco com a problemática relativa ao traçado da via XVIII, tema que tem sido abordado por numerosos autores e que é relativamente conhecido, embora existam novos estudos em curso<sup>1</sup>.

Assim, somente referimos que a via XVIII ligava *Bracara Augusta* a *Asturica Augusta* e que terá sido aberta sob a dinastia dos Flávios, num contexto de incremento do processo de romanização do Noroeste Peninsular.

A via partia de *Bracara* em direcção ao vale do rio Cávado, que ultrapassava num ponto, por ora indeterminado; provavelmente, na zona da ponte do Porto, principiando depois a subir as vertentes meridionais da serra da Abadia. Aqui foi já localizada uma das suas primeiras *mansiones*, que parece corresponder ao sítio designado Cividade da Biscaia, próximo do Castro do Caires, no concelho de Amares<sup>2</sup>. Cruzada a serra da Abadia, flanqueava as vertentes setentrionais da montanha, ao longo do vale do rio Homem, até alcançar a larga portela onde hoje se situa a aldeia de Covide.

O traçado entre Covide e S. João do Campo é assinalado por diversos miliários. Depois de S. João do Campo, ou Campo do Gerês, como também é designado, inflectia de novo para o vale superior do rio Homem. É este o troço, ao longo do vale superior daquele rio, entre as milhas XXIX e XXXIV, que estudámos com mais pormenor, devido à circunstância de estar incluído no território do Parque Nacional da Peneda-Gerês e que iremos descrever adiante.

Convirá igualmente referir que esta secção da via XVIII, talvez pelo facto de se localizar numa zona de montanha bastante isolada, é um dos caminhos romanos melhor preservados do Noroeste e com uma densidade de miliários sem paralelo no mundo romano. Situando-se, actualmente, quase todo este tramo em plena Mata de Albergaria, uma das Reservas Naturais do PNPG, teve desde sempre o Parque Nacional um especial cuidado na sua preservação promovendo igualmente o seu estudo. A íntima ligação e óptimo relacionamento institucional que o PNPG vem mantendo com o Parque Natural da Baixa Limia-Serra de Xurés (de recente criação) permitirá muito brevemente valorizar ainda mais este importante vestígio de um passado comum, abrindo o que se pretende seja o primeiro trilho pedestre interpretado "internacional", prolongando assim, quer o estudo da via para além da Portela do Homem (onde se localizava a milha XXXIV e termina o nosso estudo), mas também o seu usufruto a todos os visitantes numa perspectiva mais alargada. Uma das primeiras consequências desta conjugação de esforços entre os dois Parques ibéricos e a Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho (e ainda com o apoio do Instituto de Arqueologia da Universidade de Coimbra) é a edição de um roteiro arqueológico do traçado entre as milhas XXIX e XXXVIII.

Procuramos assim dar continuidade aos trabalhos pioneiros dos Padres Mattos Ferreira e muito em especial, Martins Capella. O primeiro realizou em 1728 a primeira descrição exaustiva da Geira, tendo-nos legado um denso manuscrito que só há poucos anos seria editado (e que hoje mereceria uma segunda edição crítica). Embora se tenha mantido inédito durante mais de dois séculos e meio, esta preciosa descrição seria abundantemente utilizada por Jerónimo Contador de Argote e, a partir deste autor, por Hübner e outros investigadores. O segundo,

<sup>1</sup> De Helena Carvalho. No âmbito da sua tese de doutoramento sobre o território da *civitas* de *Bracara Augusta*.

<sup>2</sup> Informação de Ana Bettencourt (UAUM).

Martins Capella, retomaria há, precisamente, um século as pisadas de Mattos Ferreira deixando-nos o seu legado na obra *Miliários do Conventus Bracaraugustanus em Portugal*, que este Colóquio pretende recordar.

## 2. CONTEXTO FÍSICO

Não tencionamos desenhar um retrato detalhado do vale do rio Homem, no seu curso entre Vilarinho das Furnas e as proximidades da Portela do Homem. Como é sabido, aí foi erguida a barragem de Vilarinho, que alterou bastante a paisagem do vale e cobriu parcialmente um pequeno troço da via XVIII.

Nesta zona o rio Homem corre entre as serras Amarela e do Gerês, num vale que, embora em pequena extensão, possui características variáveis devido ao jogo diferenciado entre falhas tectónicas, litologia e os processos erosivos, antigos e recentes.

Há alguns trechos em que o vale é amplo, como na antiga veiga de Vilarinho, em frente às antigas milhas XXIX e XXX. Outros em que corre encaixado entre penedias, embora mantendo sempre o seu carácter torrencial de rio de montanha. Tal como o rio Homem, a maioria dos seus afluentes são perenes, mesmo nos estios mais secos. Estão, todavia, sujeitos a súbitas oscilações de caudal, resultantes da precipitação, que nesta área é uma das mais intensas de Portugal, superior a 2.000 mm. Poucas horas após um chuvada intensa o caudal do Homem pode subir vários metros, ficando totalmente intransponível, tal é a força e o volume da corrente.

As vertentes das serras Amarela e do Gerês, respectivamente a norte e a sul do vale, sobem em agrestes e sucessivas plataformas, até atingirem cotas bastante elevadas numa curta extensão. Na serra Amarela, o Alto do Muro atinge os 1.350 m. e na serra do Gerês o Alto de Leonte atinge quase os 1.000 m.

A cobertura vegetal é variável, evoluindo entre uma paisagem de "estepe cultural", muito mais marcada na serra Amarela e a cobertura arbórea de *Quercus Robur*, nas encostas da serra do Gerês (Mata de Albergaria).

## 3. DESCRIÇÃO DA VIA

O troço da via XVIII entre as milhas XXIX e XXXIV corre sempre ao longo da margem esquerda do rio Homem até à ponte chamada de S. Miguel onde, aproveitando uma bem escolhida garganta fluvial, o rio é transposto para norte.

Os principais sítios arqueológicos, em estudo neste troço, são os seguintes:

### 3.1. MILHA XXXIX

Conjunto de miliários, que se encontrava disperso e foi agrupado em 1992, entre os quais

se destaca o que ostenta a inscrição de *C. Calpetanus Rantivs*, governador da *Tarraconensis*. Antes da intervenção arqueológica onze marcos ou fragmentos encontravam-se dispersos pela vertente e dois estavam mesmo inscrustados no muro divisório que separava as antigas terras de Vilarinho das Furnas das de Campo do Gerês.

Além da recolha dos marcos e da sua limpeza, foi aberta uma vala de sondagem no presumível local de passagem da via romana. Neste ponto não encontrámos vestígios de calçada ou das habituais camadas subjacentes. Verificámos, porém, que os construtores romanos rasgaram directamente o substrato rochoso que foi cortado e aplanado para assentamento da via. Verificámos, também, que, dada a irregularidade da rocha (granitos), as cavidades naturais foram preenchidas com terra e pedra, facilitando assim a robustez do pavimento da via. Noutras sondagens, aqui efectuadas, não conseguimos identificar o sítio exacto de implantação dos miliários. Com efeito, embora não pareça haver dúvidas sobre a localização precisa desta milha, atestada desde logo pela presença de um numeroso grupo de marcos, mas também pela sua distância regular até à milha XXX, as sondagens não revelaram, infelizmente, quaisquer “camas” de miliários.

### 3.2. TRAJECTO ENTRE AS MILHAS XXIX E XXX

Entre as milhas XXIX e XXX a via descia suavemente, intercalando pequenos percursos com calçadas bem definidas, nos troços de maior pendente, com outros mais planos, onde a evidência de lajes é menor, ou não existe mesmo. Notam-se, em alguns pontos do trajecto, em especial na ultrapassagem dos afloramentos mais irregulares, locais onde os penedos graníticos foram cortados e afeiçoados a pico de ferro, um trabalho que deixou marcas bem visíveis. Uma observação mais cuidada dos troços lajeados permite constatar que o pavimento foi sucessivamente recuperado e reutilizado ao longo dos séculos, talvez mesmo até aos nossos dias. Na verdade, ao lado de lajes profundamente marcadas pelos sulcos dos carros, surgem outras onde os traços paralelos são menos profundos, ou quase ténues. Nós próprios, na recuperação destes troços, com vista à sua integração num trilho pedestre, refizémos alguns recorrendo aos métodos tradicionais, quer para restaurar restos de calçada destruídos pelas enxurradas, quer para repor em funcionamento o sistema de drenagem, que se encontrava ao abandono, talvez já desde os anos 40, com manifesto prejuízo para a conservação da via. Este troço entre a milha XXIX e a Bouça da Mó é assaz interessante, sendo inicialmente marginado pelo referido muro divisório e logo depois envolto por uma bela floresta de carvalhos. Infelizmente, parte dele foi submerso pelas águas da barragem de Vilarinho das Furnas, emergindo a espaços, conforme o nível das águas.

### 3.3. MILHA XXX

Na milha XXX, cujo local exacto de implantação era ignorado até ao início dos nossos trabalhos e da qual não se conhecia nenhum miliário, detectámos os restos de uma *mutatio* e dois marcos, um dos quais ainda se encontra quase totalmente soterrado. A intenção inicial,

durante a campanha de 1992, era escavar a *mutatio* e a zona envolvente do miliário, mas apenas se alcançou o primeiro objectivo. Como este miliário se encontra impantado erecto, podendo por isso estar *in situ*, procuraremos em próximos trabalhos estudar toda a zona envolvente. O outro miliário recuperado foi encontrado incorporado num dos antigos muros dos campos de Vilarinho. É apenas a metade superior, com uma epígrafe do Baixo Império.

A *mutatio* era constituída por um edifício rectangular, bem definido, assente numa pequena colina soalheira e implantado mesmo junto à via, na margem esquerda da ribeira da Mó. As suas dimensões são de 21 metros (eixo maior, norte-sul) por 14 de eixo menor (este-oeste). A estrutura dos muros que formavam o edifício era de granito, pequenos blocos bem aparelhados, com características semelhantes às construções flavianas de *Bracara Augusta*. Deve supor-se que as paredes do edifício eram inteiramente de pedra, dado que em alguns pontos se conserva a primeira fiada e até porque o material não faltava na zona.

No interior não detectámos quaisquer muros. Distingue-se sim um conjunto de embasamentos para eventual arranque de pilares, os quais suportavam muito provavelmente uma estrutura de madeira, que, por sua vez, sustentava o travejamento do tecto, que seria em telha, dada a abundância deste material nas camadas arqueológicas e à superfície.

É possível que houvesse uma compartimentação interior em madeira, mas dada a pouca espessura dos sedimentos que cobriam as ruínas (muito lavados pelas águas) não foi possível recolher quaisquer indícios. No canto sudeste do edifício conservam-se sinais de um pequeno compartimento, talvez aberto ao exterior, provavelmente uma taberna.

O espólio recolhido inclui *terra sigillata* hispânica alto-imperial cerâmica comum e uma moeda de bronze. O conjunto pode, pois, ser datado da segunda metade do século I d.C., o que está de acordo com a cronologia da construção da via.

O local de implantação desta *mutatio* é periodicamente submerso desde a construção e entrada em funcionamento da barragem de Vilarinho das Furnas em 1971.

### 3.4. TRAJECTO ENTRE AS MILHAS XXX E XXXI

Entre as milhas XXX e XXXI a quase totalidade do trajecto foi coberta por uma estrada florestal de terra batida, pelo que nada há a registar arqueologicamente.

### 3.5. MILHA XXXI

Pelo contrário, o local de implantação da milha XXXI e a sua zona envolvente são ricos em testemunhos arqueológicos. Cerca de 60 metros antes de um vau lajeado que transpunha a ribeira de Padredo, encontram-se magníficas evidências da forma como os miliários eram extraídos dos afloramentos graníticos, distinguindo-se num deles perfeitamente as marcas rasgadas para a introdução das cunhas de madeira, tendo o trabalho sido abandonado já depois de terem sido abertas as cunheiras, ali estando ainda hoje um esboço de miliário que nunca chegou a ser completado. Esta técnica romana de corte de pedra é, aliás, praticamente idêntica à tecnologia tradicional em uso no noroeste quase até aos nossos dias, tendo-se mantido em

Vilarinho das Furnas até à submersão desta aldeia.

Assim, nesta zona, conhecida na toponímia local como Bico da Geira, registam-se para além da pedreira, de onde foram retirados pelo menos alguns dos miliários, um vau lajeado e um conjunto de 21 miliários, dos quais sete conservam as inscrições (Adriano; Caro; Décio e Licínio). De realçar que aqui foi também encontrado um pequeno miliário semi-enterrado, que conserva traços de pintura a ocre (actualmente recolhido numa dependência do PNPG). Perante esta evidência é possível que também os outros miliários fossem, regularmente, pintados.

Esta milha está já localizada em plena Mata de Albergaria, uma das principais matas climáticas do Parque Nacional, classificada há poucos anos como Reserva Biogenética pelo Conselho da Europa. Este frondoso carvalhal que hoje cobre toda esta zona e se alonga quase até à Portela do Homem será certamente muito idêntico à floresta que os construtores romanos teriam encontrado quando rasgaram a via.

### 3.6. VOLTA DO COVO (MILHA XXXII)

Tal como o troço anterior, o trajecto entre as milhas XXXI e XXXII encontra-se totalmente coberto pela actual estrada florestal. Na Volta do Covo (milha XXXII) conservam-se 22 miliários, dos quais 16 são anepígrafos. A bibliografia refere, no entanto, 7 miliários com epígrafes: um de Adriano (CIL 4825); dois de Maximino e Máximo (CIL 4826 e 4828); um de Caro (EE VIII, 234); um de Magnêncio (CIL 4820), outro de Decêncio (CIL 4827) e ainda um de Décio (CIL II 6221). Pode afirmar-se que os miliários não se encontram *in situ*. As sondagens, aqui feitas em 1977, foram inconclusivas. Terão sido provavelmente agrupados quando se abriu a actual estrada florestal, tanto mais que se encontram junto a uma estrutura muito tardia, que pela descrição de Tude de Sousa poderá ser a antiga casa do gelo. Há, igualmente, memória de, já no século XIX, terem aqui sido agrupados por um autarca local.

### 3.7. ALBERGARIA

No trajecto entre as milhas XXXII e XXXIII conservam-se os restos de duas pontes romanas, que permitiam transpor as ribeiras da Maceira e do Forno. Estas duas ribeiras, afluentes do rio Homem, são muito caudalosas no inverno e seria impensável um simples sistema de passagem a vau, com grandes pedras, à semelhança das detectadas nas ribeiras do Padredo e de Monção.

Ambas as pontes (da Macieira e do Forno) seriam pequenas obras de arte, com um só arco de volta perfeita, tabuleiro horizontal e paramentos em pedra almofadada.

Da ponte da Macieira apenas se mantêm as pedras da primeira fiada do arco, na margem direita, bem como o enchimento do arranque da ponte. Tudo o mais desapareceu. Da ponte da Ribeira do Forno conservam-se os arranques das duas margens, o paramento, que aguentava o impacto da corrente, situado na margem esquerda, e as primeiras pedras do arco. No leito do rio conservam-se numerosas pedras aparelhadas do arco, e do tabuleiro.

Na margem esquerda foi aberto um corte que permitiu registar a camada de calhaus rolados, de grande dimensão, que sustentava o paramento, bem como uma sequência de pavimentos de terra batida na zona de acesso ao tabuleiro.

Nesta zona de Albergaria foram, também, realizadas sondagens em diversos pontos, com a finalidade de localizar um possível edifício romano cuja existência se pode deduzir da presença de *tegulae* à superfície. O próprio topónimo de Albergaria é suficientemente sugestivo. As sondagens revelaram-se infrutíferas, talvez porque a área foi bastante revolvida desde finais do século passado, quer pela construção de uma casa florestal e seus anexos, quer especialmente pela abertura de dois lagos artificiais, os chamados lagos das trutas. Um destes lagos artificiais, que foi vasado em meados da década de 80, cortava mesmo o antigo pavimento da via e aqui pode hoje apreciar-se uma secção do leito, que revelou a seguinte estratigrafia (de cima para baixo):

- a) Níveis de terra vegetal correspondentes a sucessivos solos florestais.
- b) Nível horizontal de areia muito consistente, de cor escura, correspondendo ao pavimento da via.
- c) Camada de areia fluvial, com alguns seixos – primeiro leito de preparação.
- d) Camada de areia fluvial mais grosseira, também com seixos – segundo leito de preparação.
- e) Depósito de vertente com blocos graníticos, anterior à construção da via.

### 3.8. TROÇO ENTRE ALBERGARIA E A MILHA XXXIII

Este troço está relativamente bem conservado. Num dos pontos do traçado foi aberta em 1977 uma sondagem, através da qual se constatou mais uma vez que a rocha tinha sido cortada e aplanada. Noutros tramos o pavimento da via era a própria rocha viva que se encontra profundamente marcada pelo sulco dos carros. Pensamos que estes sulcos seriam mesmo rasgados logo durante a construção da via, facilitando a passagem futura dos veículos rodados. Os sulcos mais fundos demonstram a sua utilização durante séculos.

### 3.9. MILHA XXXIII

No local desta milha, onde até ao momento não foram realizadas escavações, conservam-se 20 miliários. Sem escavações não é possível afirmar se estão no local original, ou se foram repostos em épocas posteriores. Na campanha de 1992 foram erguidos 4, que estavam tombados, e 6, que se encontravam envoltos em terra vegetal, de acumulação recente. De acordo com a bibliografia as inscrições legíveis referem-se ao Baixo Império: Maximino e Máximo (CIL 4831); Décio (CIL 4833); Tácito (CIL 4830); Carino (CIL 4829 e 4832) e Maximiano (EE VIII 235). Actualmente apenas se conseguem ler as inscrições em quatro miliários.

### 3.10. TRAJECTO ENTRE A MILHA XXXIII E A PONTE DE S. MIGUEL

Neste troço, que se estende por 900 metros, quase sempre à mesma cota ( $\pm 20$ ), podem observar-se os seguintes elementos relacionados com a via romana:

- uma pedra para extracção de miliários;
- uma das pedreiras que terá alimentado a oficina de talhe dos blocos, que serviram para erguer a Ponte de S. Miguel (margem sul);
- uma passagem a vau sobre a ribeira de Monção, com sólidos blocos de granito de tosco aparelho.

O pavimento da via encontra-se mal conservado, estando reduzido à camada de calhaus rolados (leito de preparação).

### 3.11. PONTE DE S. MIGUEL

Esta ponte terá sido uma imponente obra de arte, com pelo menos dois arcos de volta perfeita. Todavia a sua destruição intencional em 1642, no quadro das Guerras da Independência, afectou-lhe a monumentalidade, embora os dois arranques de pedra ainda hoje impressionem os visitantes, devido à sua solidez e excelente aparelho.

Em 1977 os dois arranques estavam cobertos por denso matagal, sendo pouco perceptíveis. Foi nesse ano que se realizaram aqui os trabalhos de maior vulto, prosseguidos entretanto em 1992. Toda a vegetação, que envolvia as ruínas, foi cortada, incluindo algumas árvores de grande porte, já enraizadas nos enchimentos dos arranques e outras, mais pequenas, cujas raízes se infiltravam nos paramentos exteriores. Nesta campanha de 1977 também se procedeu à remoção dos derrubes que escondiam os paramentos do arranque da margem esquerda. Os blocos foram desenhados e transportados para uma clareira junto à via, onde se encontram agrupados para uma eventual operação de restauro. Este restauro seria entretanto desaconselhado por C. Rüger no relatório, que a pedido da UNESCO, elaborou em 1980.

A ponte de S. Miguel obedece ao padrão das pontes da serra do Gerês, com o arranque da margem esquerda, a mais exposta à erosão, formando um ângulo aberto e com um paramento que se estende por 21,5 metros. Esta parede quebrava a força da torrente e diminuía o impacto sobre os arcos. Quanto a estes supomos, pela ainda larga distância entre as margens, que seriam pelo menos dois. Para descobrir o local da implantação efectuámos uma operação de limpeza no leito do rio, desviando blocos, mas sem sucesso. Não é assim de excluir a hipótese da ponte ter tido, eventualmente, apenas um arco, o que faria desta obra de arte uma admirável criação da engenharia romana.

Os paramentos são revestidos com aparelho de pedra de dimensão variável, na sua maioria almofadada. A pedra é assente a seco, com as juntas muito certas e em alguns pontos com evidências das marcas dos ferros de arrasto.

A fim de estudarmos o pavimento da via abrimos duas sondagens na zona da Ponte de



S. Miguel. Uma sobre os restos do próprio tabuleiro da ponte, e outra no seu arranque, ambas na margem esquerda. O resultado destas sondagens forneceu importantes testemunhos arqueológicos sobre a tecnologia do fabrico da via.

### 3.12. O TRAJECTO ENTRE A PONTE DE S. MIGUEL E A PORTELA DO HOMEM

O conhecimento do exacto percurso da via entre a Ponte de S. Miguel e a Portela do Homem, até agora completamente coberto por floresta, suscita algumas questões, em especial logo a partir do arranque da ponte. Um pouco para montante da ponte existe uma calçada que desce até ao leito do rio, mas é de supor que seja tardia, aberta provavelmente quando a ponte romana foi destruída. O seu aparelho é mais irregular e não apresenta em corte as características da calçada romana. Nas imediações da própria ponte é difícil determinar o trajecto da via. É possível que alguns indícios de caminho, mais próximo do sopé da vertente, correspondam ao traçado inicial. Na área vizinha de alguns edifícios modernos e que pertenceram à guarda fiscal, não há dúvidas que se conservam restos da via XVIII, com as mesmas características do troço observado entre as milhas XXIX e XXX: pedras com marcas de longa exposição aérea; sulcos de rodados de carros, a par de outros mais recentes e de elementos reutilizados como pedras de mós de moinhos fluviais.

Entre a Ponte de S. Miguel e a Portela do Homem a via sobe cerca de 50 metros numa extensão de 700 metros. É, pois, um caminho suave, actualmente envolvido pela floresta de carvalhos, típica da zona.

Na Portela do Homem dividem-se as bacias dos rios Homem e Lima. Trata-se, pois, de um ponto estratégico, a porta de entrada para a vasta bacia do rio Lima.

Aqui se conserva mais um importante grupo de miliários, mas nem todos pertencentes à milha XXXIV. O local onde actualmente se concentram os miliários não é, por certo, o ponto original da sua implantação. Também, não o será a zona onde alguns metros mais a nascente e a uma cota inferior foi desenterrado um miliário coberto de sedimentos modernos, durante a campanha de 1992.

De facto, as antigas descrições referem-se a pelo menos treze miliários. Actualmente apenas se observam oito, contando com o que foi recentemente recuperado.

Deve, pois, admitir-se a possibilidade de outros miliários ainda se manterem por descobrir, soterrados sob os aterros adjacentes à estrada. Recorde-se que nesta área houve algumas obras de vulto com remoção de terras no início da década de 80 com vista à construção do hoje inútil posto fronteiriço da Portela do Homem! Foi também nessa altura que quase todos os miliários que hoje e aqui podem ser admirados foram removidos e reimplantados erectos sem quaisquer cautelas arqueológicas.

A bibliografia refere dois miliários de Tito e Domiciano (CIL 4838 e CIL 4847); Nerva (EE VIII 237); Trajano ou Adriano (CIL 4839); Caracala (CIL 4839); Caracala (CIL 4837); Maximiano e Maximo (CIL 4834 e 6222); Décio (CIL 4835 e 4836); Magnêncio (CIL II 4840); anepígrafo (CIL 4845).

Curiosamente em alguns miliários as indicações das distâncias referem-se às milhas XXXV e XXXVI em relação a *Bracara*. Esta circunstância tem levado alguns autores a sugerir que na

Portela do Homem existiria uma outra pedreira e atelier de gravação. É uma hipótese em aberto tanto mais que fica num ponto alto em relação às milhas subsequentes. Outra possibilidade para a existência destes miliários neste local é a de terem sido deslocados dos sítios originais, em época desconhecida.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como se pode constatar desde 1977 o estudo da via romana na serra do Gerês avançou bastante, sendo de assinalar a recuperação de um número considerável de miliários, o estudo das pontes, a descoberta e escavação da *mutatio* e das pedreiras, bem como uma delimitação mais exacta do seu traçado. Foram assim estudados cerca de 7,5 Kms. de via, tendo sido registados seis grupos de miliários, restos de três pontes, três passagens a vau bem caracterizadas, diversas pedreiras para extracção de miliários e silhares das pontes, bem como vários troços de calçada, em especial nas zonas de maior declive.

O traçado da via revela um conhecimento profundo e prévio da região por parte dos seus construtores. As oscilações de cota são reduzidas e o número de obras de arte necessárias para transpor uma região montanhosa e com chuvas abundantes reduz-se a três, duas das quais de pequena dimensão.

A surpreendente abundância de miliários é um dos aspectos a sublinhar. Uma leitura mais rigorosa deste aspecto seria mais fácil caso a totalidade dos miliários conservassem as inscrições. Infelizmente dos 86 exemplares registados até ao momento (entre miliários inteiros e fragmentados), apenas 30 mantêm gravações legíveis. Esta abundância de miliários não tem paralelos noutros pontos do Império, não sendo fácil desde logo e sem um melhor conhecimento do enquadramento histórico regional encontrar uma explicação plausível. O facto de haver uma abundância local de matéria-prima e a circunstância de ser uma via de montanha numa região muito pluviosa exigindo, por isso, obras de manutenção com maior frequência, não justificam por si tal abundância.

A arquitectura das pontes é também assaz peculiar. Em vez da forma clássica de dois arranques rectangulares ligados por um arco ou sequência de arcos, as três pontes, de S. Miguel, da Macieira, e do Forno, apresentam sempre um dos arranques com ângulo aberto por forma a levantar-se um sólido paramento que quebra a torrente. É uma engenhosa adaptação ao regime torrencial dos rios de montanha.

Embora haja ainda muito trabalho arqueológico a realizar na Geira, pode já hoje afirmar-se que será este um dos troços actualmente melhor conhecidos da via XVIII. Num futuro próximo, pensamos efectuar os seguintes trabalhos:

- 1) uma leitura actualizada dos miliários epigrafados;
- 2) a remoção destes miliários e a sua substituição por cópias a fim de evitar o seu apagamento;
- 3) a escavação da zona dos miliários de Albergaria (milha XXXIII), a fim de verificarmos a hipótese de os marcos se encontrarem ou não *in situ*;

- 4) novas escavações junto à ponte de S. Miguel, tentando-se a localização do acampamento dos artifices e trabalhadores que ergueram a ponte, que exigiu certamente a criação de um estaleiro de obras;
- 5) uma melhor definição e estudo do curto espaço que se estende entre as pontes da ribeira de Maceira e do Forno, a fim de tentarmos determinar a origem do material de construção (*tegulae*) que aqui se encontra;
- 6) a escavação da zona envolvente do miliário ainda por recuperar da milha XXX;
- 7) a criação de um museu local da Geira;
- 8) uma melhor apresentação deste troço da Geira ao público e sua ligação com o troço galego até pelo menos à milha XXXVIII.

Entretanto e para finalizar, não queremos deixar de apontar um dos aspectos que se poderá revelar mais aliciantes para um futuro prosseguimento do estudo e enquadramento da Geira, que é o da provável existência de um templo romano nas imediações de S. João do Campo. Com efeito, durante os trabalhos de 1992, perante a abundância de *tegulae* no terreno chamado Adro de S. João ou o Sagrado, em plena veiga de S. João do Campo, aqui foi iniciada uma escavação que, quando se revelava mais frutuosa foi abruptamente interrompida por populares de S. João do Campo a pretexto de um conflito de pastagens com o Parque Nacional. Embora alheios a factos que nos ultrapassavam não podemos deixar de lamentar a interrupção destes trabalhos talvez num dos sítios arqueologicamente mais interessantes da Geira.

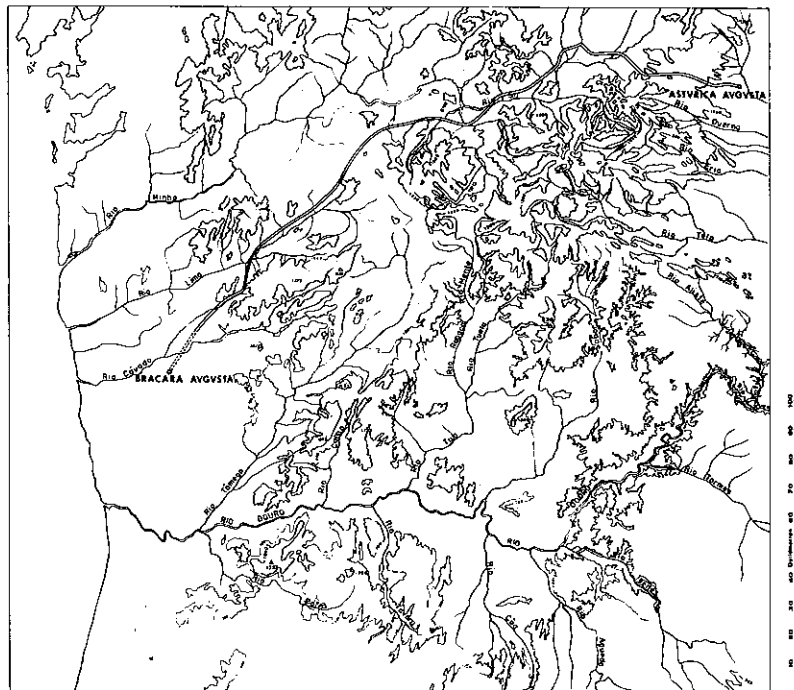
Com efeito, a escavação em área do Adro de S. João que ainda se prolongou por cerca de um mês e meio, começou por revelar as ruínas da antiga igreja de S. João do Campo (certamente a origem do topónimo actual, um terreno que a população actual continua a considerar sagrado já sem perceber porquê, mas que a nossa investigação pôde determinar) que, pelo estudo da documentação manuscrita sabemos ter sido desmontada em 1692 e reconstruída no interior do próprio aglomerado. Por sob as ruínas desta igreja, que ainda conservou um magnífico lajeado que reutilizava muitas pedras de clara fábrica romana, algumas delas almofadadas e de grande porte, começavam a surgir, a espaços cortados por uma necrópole medieval, vários muros romanos, restos de um grande edifício (com evidências, por exemplo, de derrubes de telhados) que a interrupção abrupta dos trabalhos não nos permitem definir com clareza.

Claramente sobreposto por uma igreja cristã, que reutilizou muitos dos silhares e tendo deste local há vários anos saído uma ara epigrafada dedicada a uma divindade indígena, publicada em 1962 por Braga da Cruz, é muito possível que estejamos na presença de um templo romano, localizado aliás muito perto da passagem da Geira.

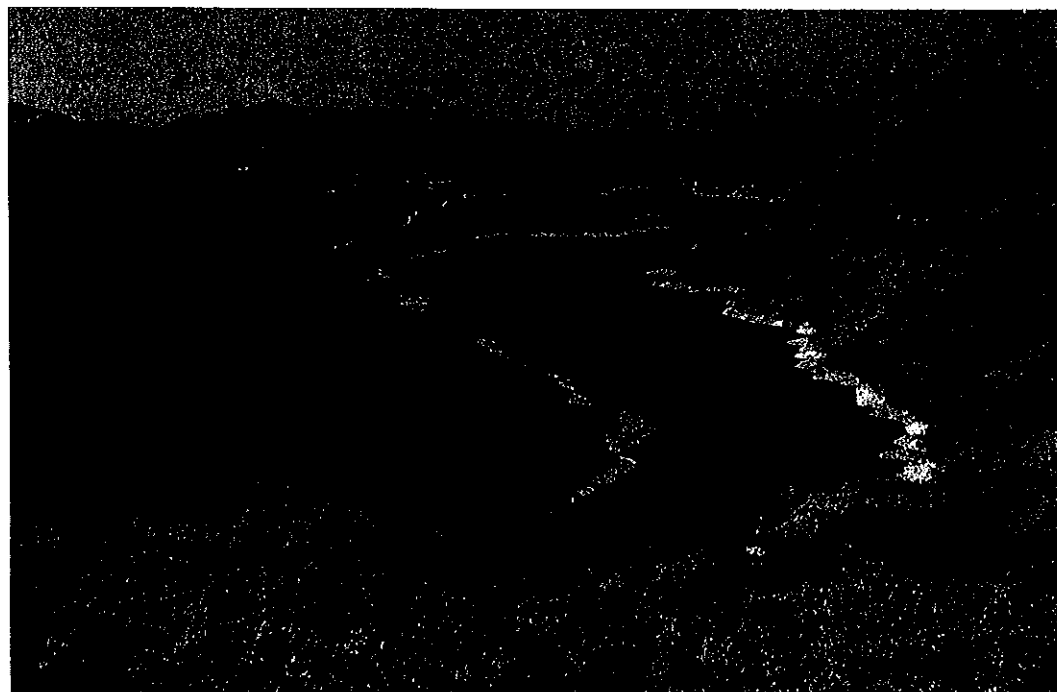
Esperemos que seja possível num futuro próximo retomar aqui as investigações e esclarecer estas dúvidas.

**BIBLIOGRAFIA**

- ALARCÃO, Jorge (1988) – *Roman Portugal*. 2 vols., Warminster.
- ARGOTE, Jerónimo Contador de (1732, 1734 e 1744) – *Memórias para a História Eclesiástica do Arcebispado de Braga, Primaz das Hespanhas*. Tomos 1 e 2, Lisboa.
- BAPTISTA, António Martinho (1980) – O estudo e restauro da Geira romana na serra do Gerês. *Giesta*, 2, Braga, p. 29-30.
- CAPELLA, Martins (1895) – *Miliários do Conventus Bracaraugustanus em Portugal*, Porto.
- CHEVALLIER, Raymond (1972) – *Les Voies Romaines*. Armand Colin ed., Paris.
- FERREIRA, Padre José de Mattos (1982) – *Thesouro de Braga, Descuberto no Campo do Gerez (...) Notícias e Memórias Certas Indagadas no Ano de 1728*, ms. da BNL editado pela Câmara Municipal de Terras do Bouro, Braga.
- LEMOS, Francisco de Sande – Relatórios das escavações de 1978, 1985, 1986 e 1987 (inéditos em depósito do PNPG e UAUM).
- MARTINS, Manuela (1990) – *O Povoamento Proto-Histórico e a Romanização da Bacia do Curso Médio do Cávado*. Universidade do Minho, Braga (Dissertação de Doutoramento).
- RODRÍGUEZ COLMENERO, A. (1976) – *La Red Viaria Romana del Sudeste de Galicia*. Universidade de Valladolid.
- ROLDAN HERVÁS, J. M. (1975) – *Itinerário Hispano. Fuentes Antigas para el Estudio de las Vías Romanas en la Península Ibérica*. Madrid.
- SOUSA, Tude de (1927) – *O Gerês – Notas Emográficas, Arqueológicas e Históricas*. Coimbra.
- Tabula Imperii Romani*, Instituto Geografico Nacional, Madrid, 1992.
- TRANOY, Alain (1981) – *La Galice Romaine*. Diffusion du Bocard, Paris.

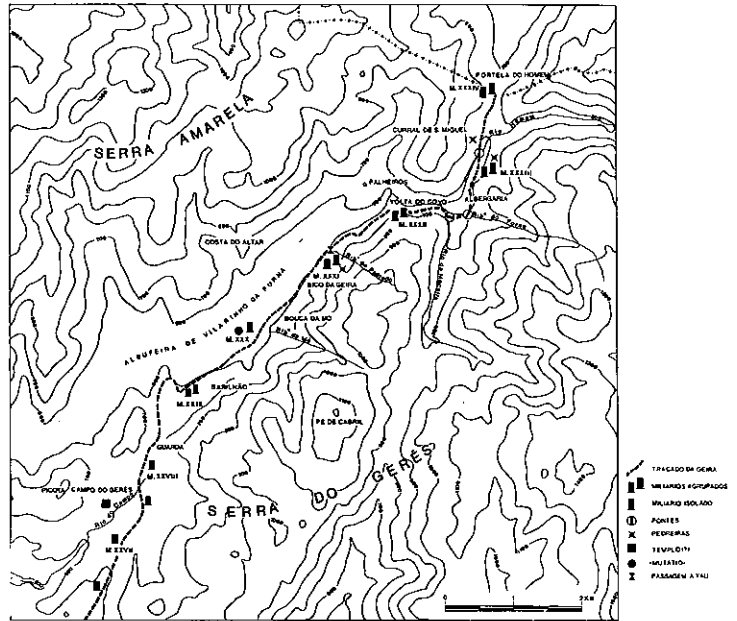


1 - Traçado da via XVIII entre *Bracara Augusta* e *Asturica Augusta*.

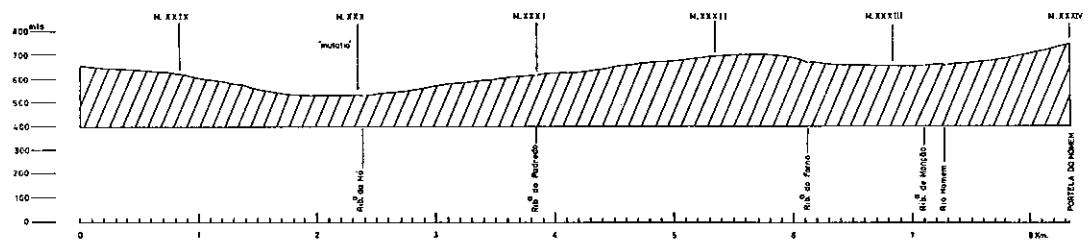
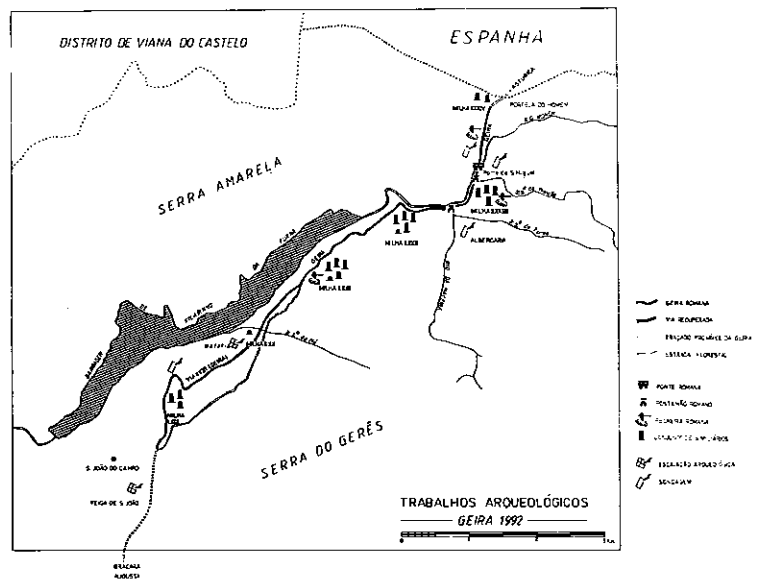


2 - Perspectiva da parte do Vale do Homem por onde passa a via XVIII (lado esquerdo).

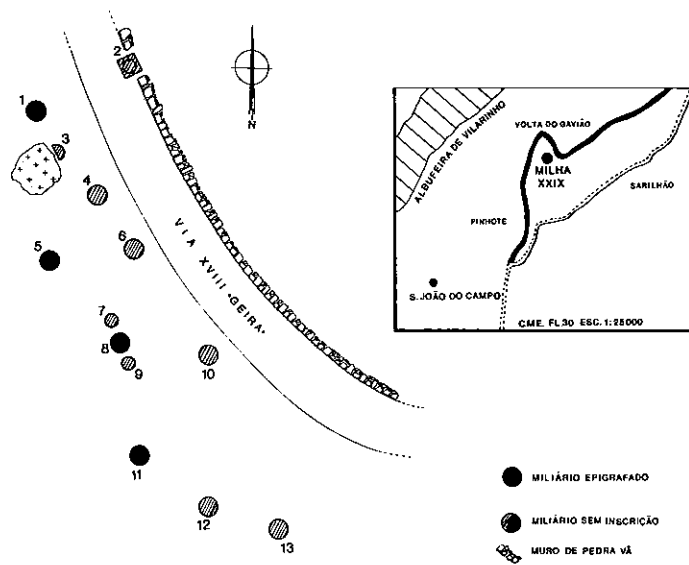
Est. II



1 e 2 – Traçado da via XVIII entre as milhas XXVII e XXXIV.

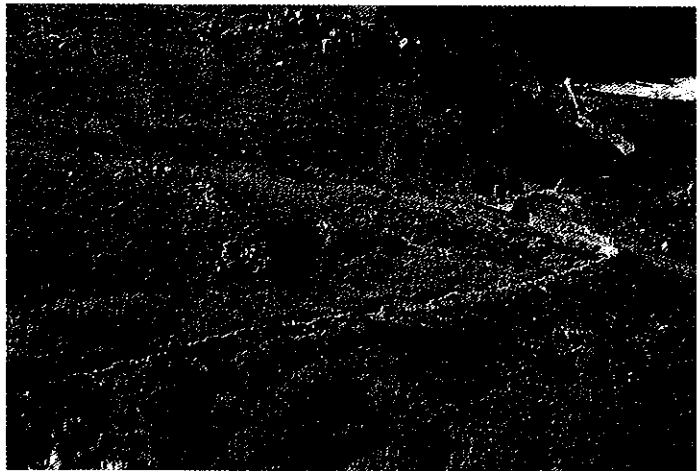


3 – Perfil altimétrico do terreno, entre as milhas XXIX e XXXIV.

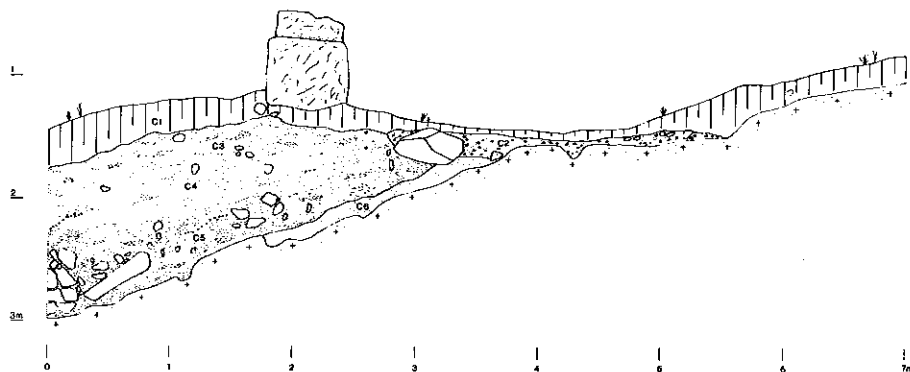


- MILIÁRIO EPIGRAFADO
- MILIÁRIO SEM INSCRIÇÃO
- ▨ MURO DE PEDRA VÃ

1 - Via XVIII: milha XXIX.



2 - Via XVIII: traçado da Geira na milha XXIX.

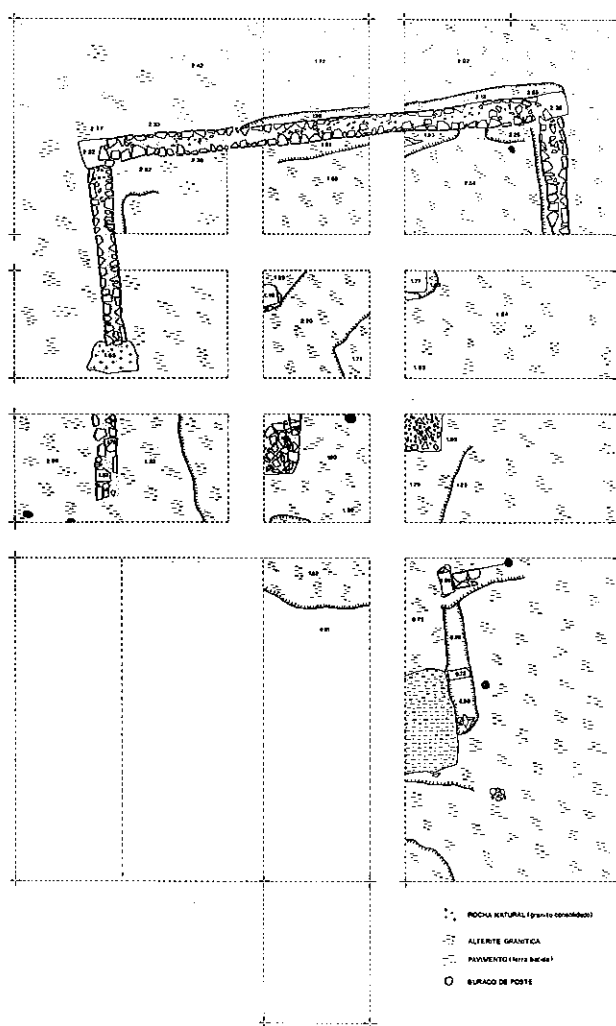


3 - Corte estratigráfico realizado na milha XXIX (sector 1; corte sul).

Est. IV

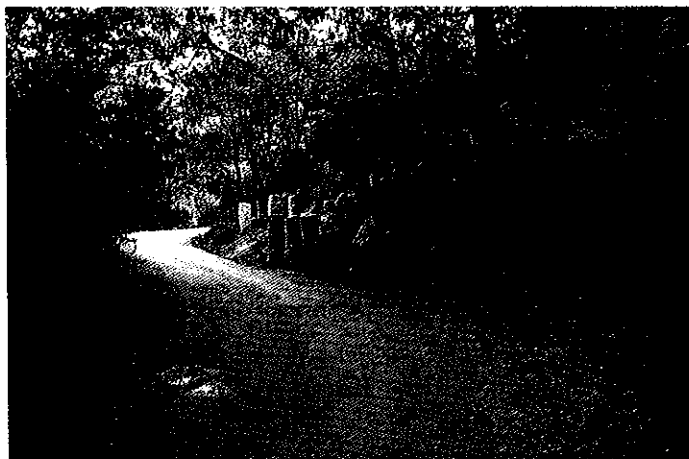


1 - *Mutatio* da milha XXX.

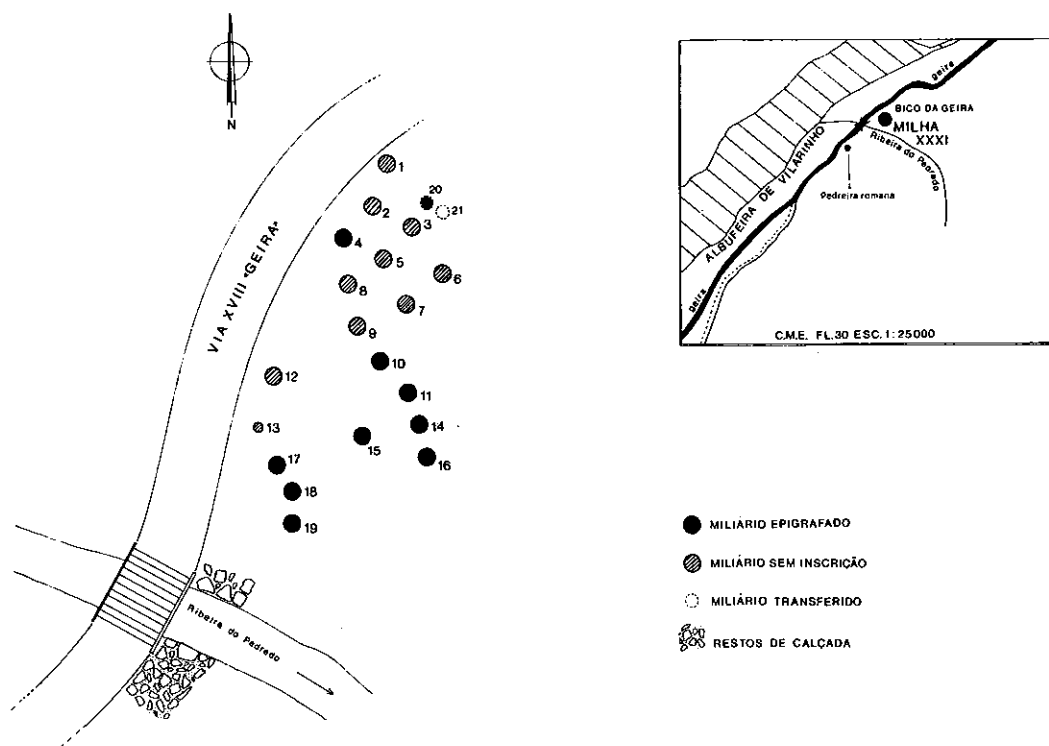


2 - Planta geral da *Mutatio*.





1 - Via XVIII: milha XXXI.

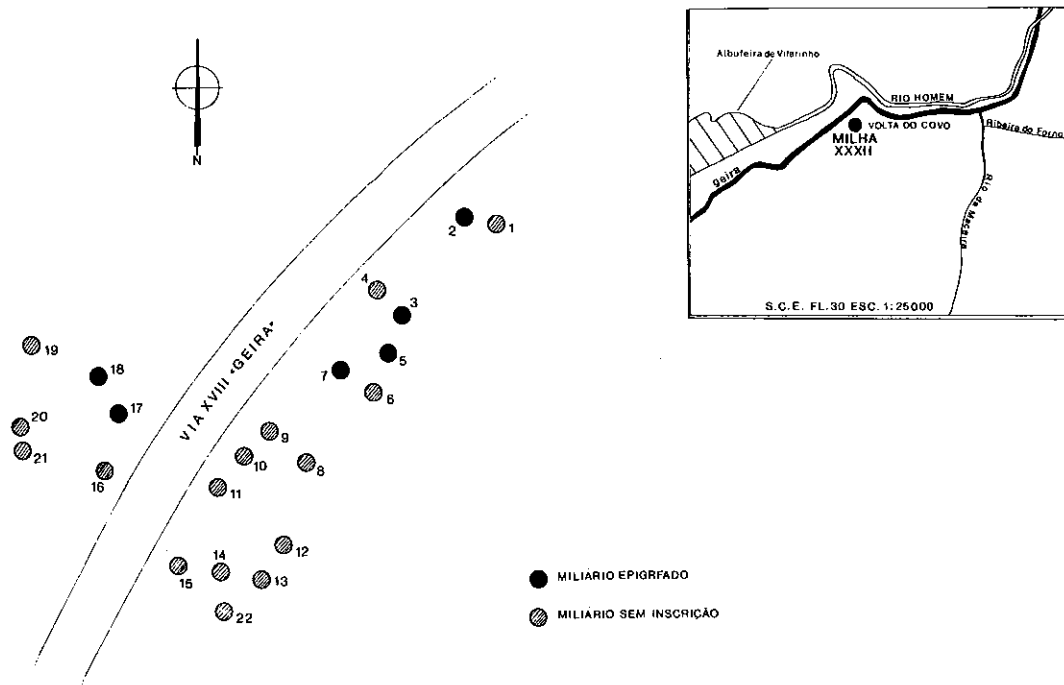


2 - Via XVIII: milha XXXI.

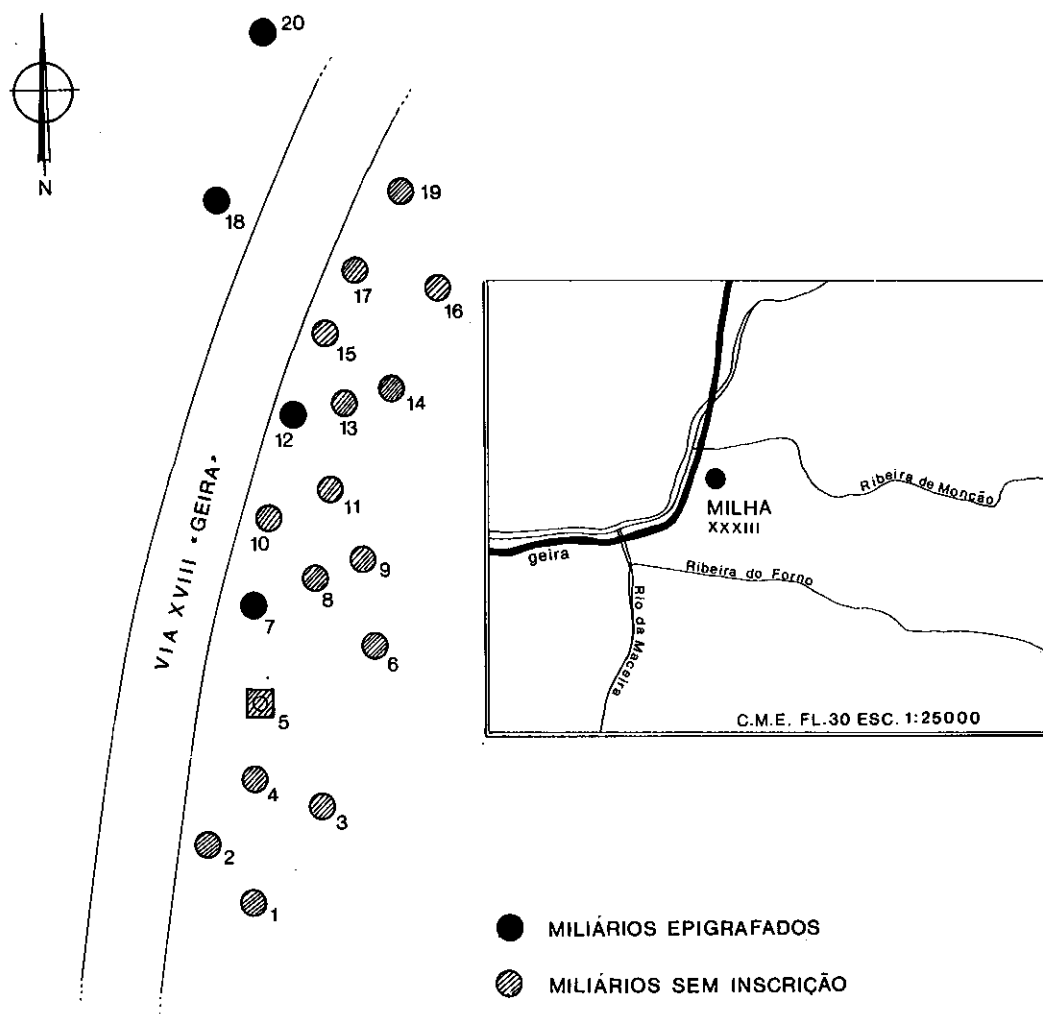
Est. VI



1 - Via XVIII: milha XXXII.



2 - Via XVIII: milha XXXII.

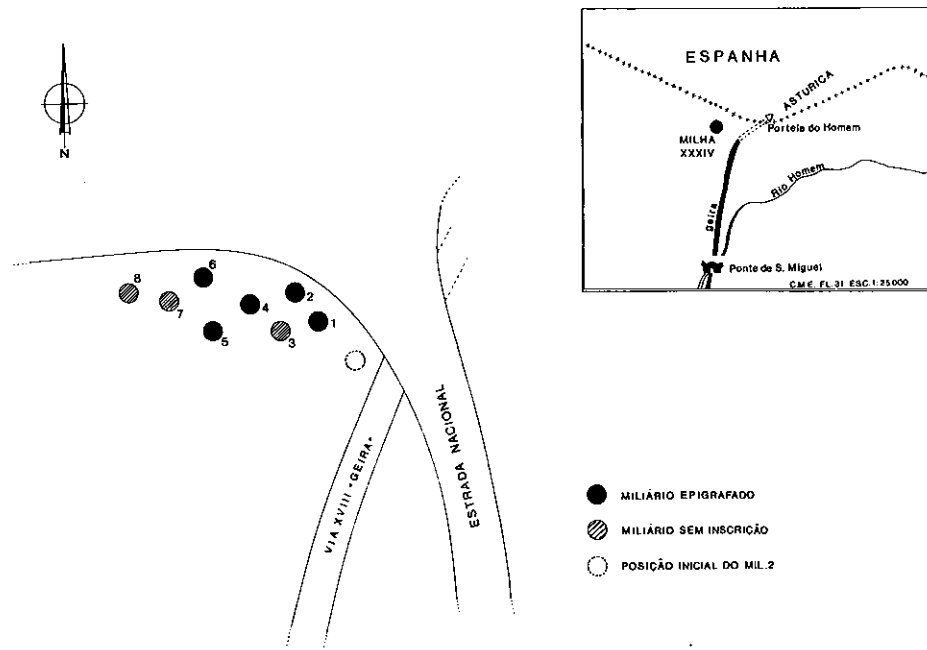


1 - Via XVIII; milha XXXIII.

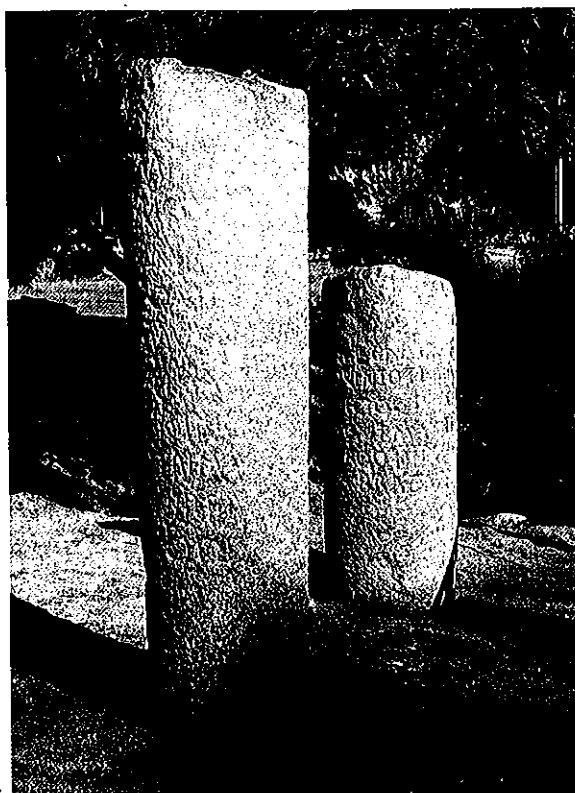
**Est. VIII**



**1 e 2 – Ruínas romanas da Ponte de S. Miguel.**



1 - Via XVIII: milha XXXIV.



2 - Via XVIII: milha XXXIV.